

Bennett e a conservação do solo

Luciano da Silva Souza e Arlicélio de Q. Paiva*



Fonte: Natural Resources Conservation Service - USDA

O dicionário descreve a palavra “conservar” como “*manter em bom estado; não deixar estragar, fazer com que continue vivo*”. A partir disto podemos estender esse conceito para a “conservação do solo”, definindo-a como a utilização de um conjunto de práticas agrícolas com a finalidade de proteger o solo contra a degradação, mantendo-o em bom estado por um longo período, com bom funcionamento das suas funções, principalmente buscando garantir sua capacidade produtiva e dar suporte à vida.

A maior parte da porção continental do planeta Terra foi naturalmente coberta por vegetação. Este fato revela que a natureza nos indicou a maneira mais adequada a ser adotada para se usar e manejar o solo. O progressivo crescimento populacional verificado nas últimas décadas incrementou a procura por alimentos, fibras, bioenergia e matéria prima – todos advindos da terra! Para atender a essa demanda, uma considerável porção da cobertura natural existente foi e tem sido removida, cedendo espaço aos campos agrícolas. Por outro lado, não se pode esquecer do recado da natureza primitiva, devendo-se, portanto, buscar manejar as terras de tal forma a buscar ao máximo imitar ou simular o ambiente natural (sistemas agroflorestais, por exemplo). Quando isso não for possível, o uso e o manejo devem promover o mínimo revolvimento e proporcionar aporte de

biomassa residual aos solos, focando na melhoria dos teores de matéria orgânica, componente fundamental na reparação da degradação dos solos.

Diante de todo este cenário, ressaltamos o importante empenho de Hugh Hammond Bennett (1881 – 1960), pioneiro na ação para a conservação do solo nos Estados Unidos. O Dr. Bennett estudou na Universidade da Carolina do Norte e, em 1903, graduou-se em Ciências, com ênfase em Química e Geologia. Depois de formado, foi contratado pelo Departamento de Agricultura (USDA) para trabalhar no laboratório sede em Washington, DC. Entretanto, pouco tempo depois, optou por trabalhar em levantamentos de solos no campo. Com o passar dos anos, Dr. Bennett percebeu haver uma estreita relação entre erosão e a qualidade do solo, passando a defender a ideia de que a erosão, mais do que um problema apenas no local onde ocorria, afetava toda a economia agrícola da região.

Cada vez mais comprometido com o estudo da erosão do solo e seu controle, Dr. Bennett passou a conhecer solos em outros países. Ao longo dos anos, coordenou pesquisas e observações; publicou artigos, boletins e outros tipos de comunicações, além de palestras, sempre buscando chamar a atenção da sociedade e do poder público para os males da degradação dos solos. Em função do seu empenho, o USDA criou diversas estações experimentais distribuídas pelo interior dos Estados Unidos para o estudo da erosão do solo e, em 1933, Bennett foi nomeado como diretor do Serviço de Erosão do Solo dos EUA.

Dr. Bennett continuou insistindo com as autoridades para se criar um programa específico para a conservação dos solos. Ele defendia que, para além da construção de terraços, seria necessária a adoção de um conjunto de práticas impulsionadas por um programa mais abrangente visando promover a conservação do solo. Ele era carismático e obstinado, trabalhava ao lado dos agricultores no campo, compartilhava suas ideias com os acadêmicos e usava a sua capacidade de persuasão para convencer as autoridades para destinar recursos e promulgar leis que promovessem a conservação dos solos.

A atuação do Dr. Bennett tem como uma referência o fenômeno do *Dust Bowl* no meio oeste americano durante a década de 1930. Esta ocorrência provocou tempestades de poeira e migração da população para outras regiões, em função da degradação das terras. Nesta mesma época, Dr. Bennett estava reunido com uma Comissão do Senado americano para tratar da liberação de recursos e para a criação do Serviço de Conservação do Solo.

Foi quando o céu de Washington escureceu em função de uma tempestade de poeira, momento em que Dr. Bennett apontou para a janela e mostrando o céu e disse aos parlamentares: – *Vejam senhores, é sobre isso que eu estou falando!* Diante de argumentos tão convincentes, o Senado aprovou a criação do Serviço de Conservação do Solo dos Estados Unidos em 1935, do qual, Bennett foi o primeiro chefe.



Tempestade de areia durante o Dust Bowl

Fonte: USDA



Trecho entre Barreiras e Luís Eduardo, BA

Fonte: (Internet)

Em função de toda uma vida buscando convencer as pessoas de que a conservação do solo é importante para se manter sua boa capacidade produtiva, Hugh Hammond Bennett recebeu diversas honrarias. Dentre elas, a criação do Dia Internacional da Conservação do Solo, em referência à data da sua morte, em 7 de julho. No Brasil, foi instituído o Dia Nacional da Conservação do Solo, pela Lei Federal nº 7.876, de 13 de novembro de 1989, comemorado em 15 de abril, em homenagem à sua data de nascimento.

Uma de suas frases marcantes foi: – *“Da longa lista de dádivas da natureza para o homem, talvez nenhuma seja tão essencial para a vida humana quanto o solo”* –

Embora tenhamos importantes pioneiros e entusiastas na conservação do solo no Brasil, nenhum deles teve o carisma, o sentimento, a postura e a obstinação do Dr. Bennett. A partir da década de 1970 o Brasil tornou-se grande produtor e exportador de *commodities* agrícolas, em especial de soja, milho, trigo, carnes, leite e derivados, açúcar, cacau, café, suco de laranja, algodão e outras. Essa posição foi consolidada baseada no uso intensivo dos solos, mecanização e utilização de insumos agrícolas diversos. Tal conquista, no entanto, muitas das vezes prioriza o aspecto econômico, estando atrelada a um significativo passivo ambiental, resultante do uso sem observância da aptidão agrícola dos solos, remoção e não manutenção da cobertura vegetal protetora do solo (viva ou morta), e degradação de solos pela erosão, compactação e desestruturação.

Nesse cenário, o Brasil carece ainda de instituições com o mesmo empenho, insistência, persuasão e poder de convencimento que o Dr. Bennett, de forma que realmente o planejamento conservacionista do solo e sua concreta e correta aplicação no campo traduzam-se, compulsoriamente, em ações iniciais de uso e manejo do solo de uma propriedade agrícola e ao longo de todo tempo de sua exploração.

* Luciano da Silva Souza é Engenheiro Agrônomo (UFBA), Doutor em Ciência do Solo (UFRGS) e Professor do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da UFRB, Cruz das Almas, Bahia; Arlicélio de Q. Paiva é Engenheiro Agrônomo (UFBA), Doutor em Solos (UFV) e Professor do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da UESC, Ilhéus, Bahia.